

Há 60 anos, um escritor argentino publicou um romance que provocou muitas risadas. Passado o tempo, os leitores passaram a chorar

# A advertência de Roberto Arlt

Leandro Konder

Os romancistas funcionam muitas vezes como profetas. Contando suas histórias, despreocupadamente, eles antecipam, às vezes, o que está para acontecer na História.

Karl Marx fez essa observação a respeito do romancista Balzac. O pensador socialista alemão notou que o famoso escritor francês criou tipos humanos que passaram a existir na sua ficção meio século antes de aparecer na realidade. O político Thiers, o "anão monstruoso" (como Marx o chamava), teria saído das páginas dos romances balzaquianos de 1830 para aparecer na história política da França de 1871.

O mesmo poder de antecipação que Marx enxergou em Balzac pode ser visto num fascinante escritor argentino deste século: Roberto Arlt.

Por volta de 1930, Roberto Arlt, batucando na máquina de escrever do jornal onde trabalhava, inventou situações e criou personagens que, de algum modo, prefiguravam algo da história da Argentina nos anos 70, pontilhada de tragédias e marcada pelos conflitos desiguais entre os militares e os guerrilheiros.

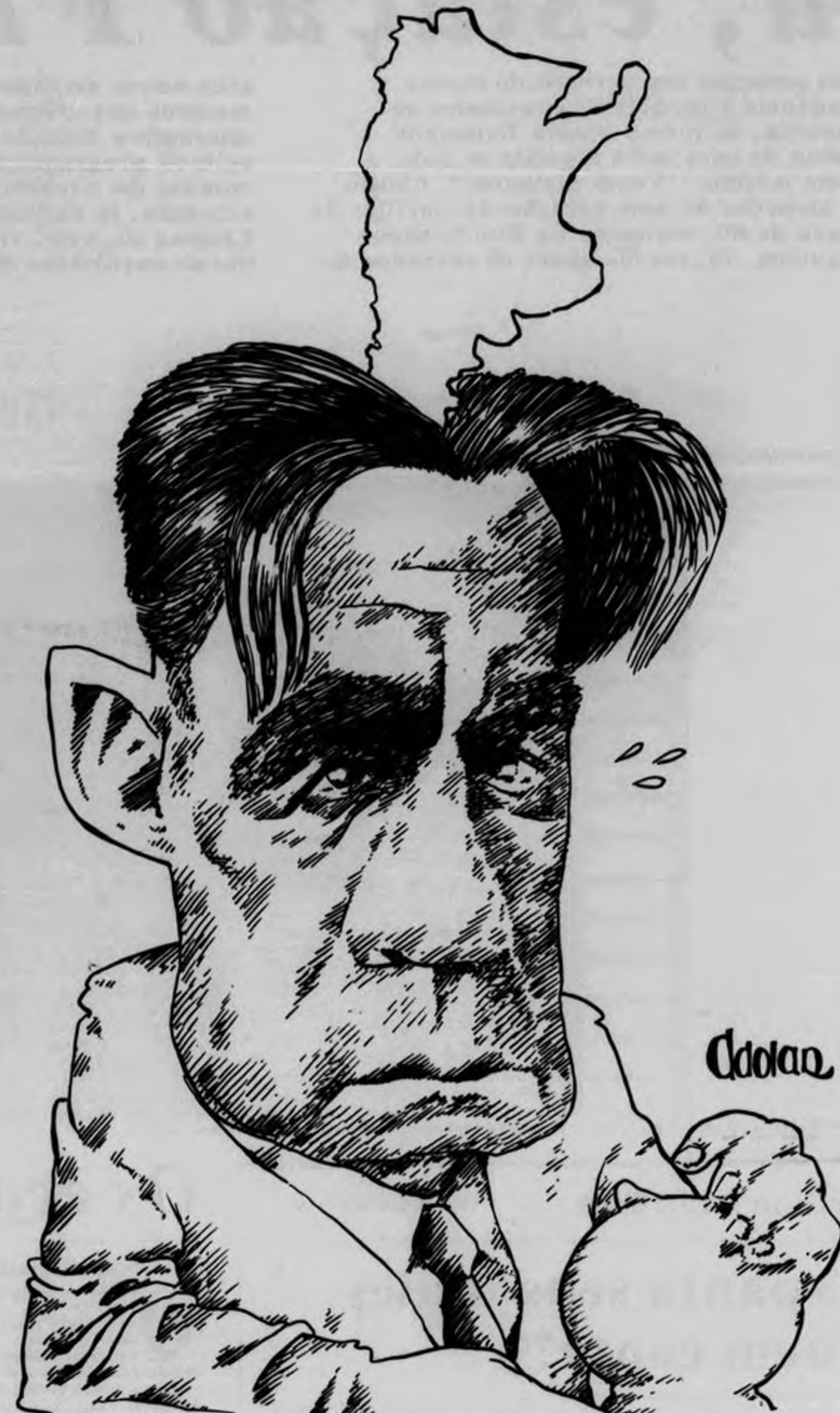
Arlot pôs em cena um astrólogo, admirador de Lênin e de Mussolini, que resolveu organizar um movimento clandestino de contestação ao governo, integrado por loucos, para desencadear uma série de atentados terroristas e forçar uma ditadura militar no país. Só uma ditadura militar - argumentava o astrólogo - poderá criar condições para consentir as massas polares. Essa fantasia que em 1930 fazia rir os leitores de Buenos Aires passou a lhes provocar arrepios quatro décadas mais tarde.

Na época de Roberto Arlt, nas primeiras décadas do nosso século, Buenos Aires estava se tornando rapidamente a primeira metrópole capitalista da América do Sul. As mudanças se faziam tumultuosamente, em ritmo vertiginoso, mas sempre subordinadas aos interesses conservadores dos de "cima", que impunham aos de "baixo" as regras que lhes convinham. Na alma dos habitantes da metrópole, criava-se uma violenta mistura de atraso e modernidade. Os velhos valores patriarcais eram artificialmente preservados e se combinavam com o espírito de aventura típico dos novos tempos. A pequena burguesia crescia muito, porém se sentia intimidada.

O estado do espírito do homem da "classe média" se tornava, com frequência, avesso à política. O individualismo mais crassamente interesseiro imperava em toda parte. A política só chamava atenção na medida em que funcionava como um espetáculo e assumia caráter simbólico. A "revolução" não era pensada como um processo de transformações, mas como uma "explosão" simbólica, um acontecimento que deveria proporcionar à pequena burguesia uma compensação milagrosa por todas as suas frustrações.

Roberto Arlt captou, intuitivamente, essa situação, esse quadro. Seu romance "Os sete loucos" consegue representar de maneira muito sugestiva o estado de espírito das pessoas na grande cidade que se agitava, se modificava, mas conservava traços arcaicos. Os habitantes de Buenos Aires viveram pioneiramente problemas que em seguida viriam a ser enfrentados pelos habitantes do Rio de Janeiro, do México, de São Paulo. Esse pioneirismo confere à visão de Arlt um interesse especial para os cariocas, que se reconhecerão com facilidade em algumas das complicações das personagens do escritor argentino.

Os principais tipos humanos de "Os sete loucos" são um químico estelionatário e um astrólogo castrado. O astrólogo, aos 43 anos de idade, impressionado com as iniciativas enérgicas de Lênin e de Mussolini (o livro foi escrito



em 1929), decide organizar uma sociedade secreta de terroristas bem-armados e bem-treinados, para provocar a implosão do capitalismo argentino. O químico - Erdosain - está encarregado de preparar meios técnicos para a ação (cabe-lhe, por exemplo, cultivar bacilos de cólera e de doença venérea para serem disseminados no país).

Os astrólogos recruta psicóticos para sua organização. Os frustrados, os mentecaptos, os idiotas que se acreditam gênios são considerados por ele energias revolucionárias inapro-

veitadas; se forem adequadamente "aquecidos", tornar-se-ão capazes de praticar ações que arrepiariam os cabelos de todos nós.

Os seres humanos - diz o astrólogo - estão apagados. É preciso "que uma religião sombria e enorme volte a inflamar o coração da humanidade". E convém não esquecermos que essas palavras estavam sendo escritas quatro anos antes da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha...

O químico Erdosain, abandonado pela mulher, é um dos primeiros adeptos que o astró-

logo alicia para seu terrível projeto. Erdosain tem algumas características dostoiévskianas, é sujeito a crises de auto-humilhação. Sua caracterização, entretanto, sugere um Dostoiévski em ritmo de tango. Ele é exagerado na dor e na raiva, no choro e na fúria.

Para o adestramento de seus terroristas, o astrólogo imagina a criação de uma escola: a Academia para Revolucionários. A escola seria mantida com o dinheiro arrecadado por uma rede de prostíbulo, que seria mongada na Argentina inteira por um grande especialista, o "Rufião Melancólico", Arturo Haffner. Os bordéis financiariam a construção do socialismo. Haffner é um ex-professor de Matemática que não partilha dos sonhos revolucionários do astrólogo, porém, está disposto a ajudá-lo, não só porque o admira pessoalmente, mas sobretudo por desfastio. O rufião recebeu o cognome de "melancólico" porque um dia, cansado da vida, deu um tiro no peito e errou o coração por menos de dois milímetros. Sobrevivera à tentativa de suicídio para voltar a explorar - cheio de tédio - suas mulheres.

Outras personagens altamente bizarras completam a galeria: a prostituta Hipólita, a mulher de Erdosain (Elza), o "Buscador de Ouro", o "Homem que viu a parteira" e Ergueta, o farmacêutico que não conseguiu curar sua própria blenorragia e se transformou num pregador bíblico.

A trama que é armada em Os sete loucos só se resolve num outro livro de Roberto Arlt: o romance Os lança-chamas. Como só existe edição brasileira de Os sete loucos (Livreria Editora Francisco Alves) e Os lança-chamas ainda não apareceu em Português, os leitores que se interessarem pela continuação da narrativa precisarão lê-la em castelhano.

Os tipos criados por Arlt se revoltam menos contra a estrutura da sociedade do que contra o vazio de suas próprias existências. Eles têm uma visão extremamente negativista do ser humano, em geral: o homem, para eles, só consegue reagir com verdadeira emoção diante de um milagre ou diante de uma carnificina. O caráter adolescente de suas fantasias rebeldes se manifesta claramente no fato de não terem nenhuma perseverança. Eles não conseguem dar continuidade ao que fazem. Anseiam, confusa e apaixonadamente, por mudanças bruscas, porém se mostram incapazes de desenvolver um esforço duradouro no processo histórico. Cultivam o mito da revolução e no entanto não agem revolucionariamente. O que conta para eles não é a laboriosa transformação política das instituições, das relações de produção, das condições sócio-econômicas: é a intensidade de uma vivência "explosiva". O astrólogo explica a Hipólita que "uma revolução que durasse mais de mil tiros seria um fracasso".

Arlt nos põe diante de um incrível galeria de radicais solitários. São seres que cultivam um radicalismo subjetivo, psicológico, mas não podem atuar eficazmente nas transformações pelas quais anseiam, porque desprezam a massa daqueles que poderiam, de fato, mudar as coisas. O "Buscador de Ouro" acusa o proletariado urbano de Buenos Aires de constituir "um rebanho de covardes". E o profeta blenorragico, Ergueta, acusa as cidades de serem viveiros de conformistas resignados e corrompidos: "As cidades estão com as prostitutas, apaixonadas por seus rufiões e seus bandos".

O poder de advertência dos dois volumes desse romance de Roberto Arlt é formidável. Suas páginas, vibrantes, nos ajudam a lembrar que uma opção subjetivada esquerda "radical" não funciona como vacina contra a contaminação da consciência do pretense "revolucionário" pelas mais variadas formas de elitismo, de conservadorismo e de preconceitos de direita.

NOTA: Se estivesse vivo, Roberto Arlt estaria comemorando 90 anos de idade (ele nasceu no dia 2 de abril de 1900). Faz tempo, contudo, que um enfarte o levou: Arlt morreu em 26 de julho de 1942.

## Novos planos cosmológicos

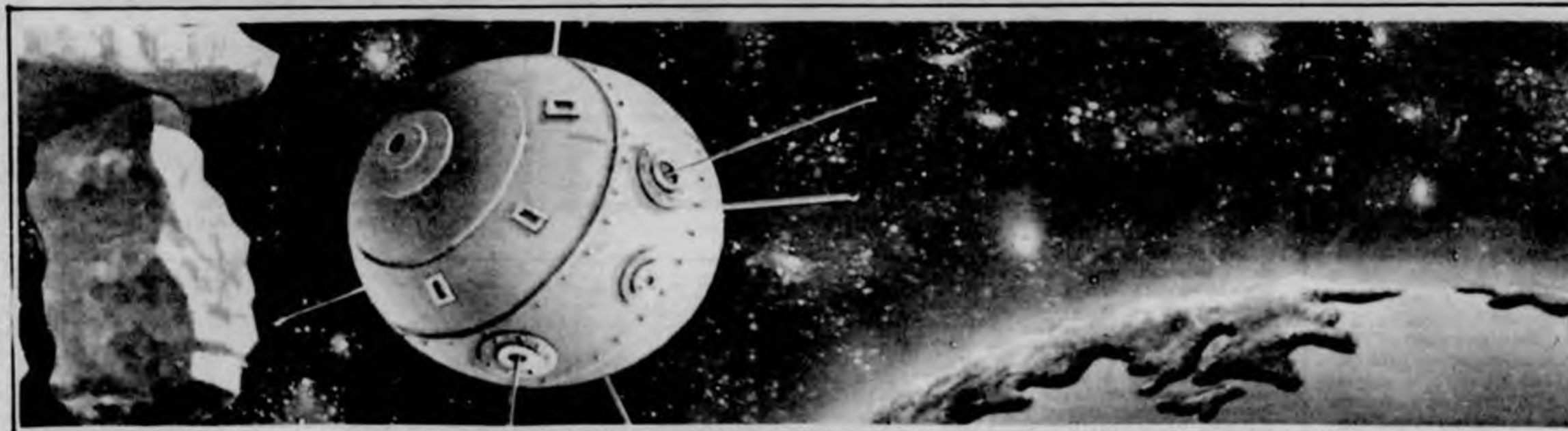
Paulo Ramos Derengoski

Sob as luzes fantasmagóricas do terceiro milênio dançam sonhos ou sombras? - os reflexos da grande aventura espacial em que o ser humano entrou para não mais sair.

E a mais notável descoberta deste rápido final de século é a Grande Muralha da Galáxia, situada a 300 milhões de ano-luz e que parece ser uma resplandecente cortina de estrelas a cercar o vasto espaço vazio onde se move o universo conhecido. Ou será apenas mais uma bolha gigante - não confundir com a bolha de consumo colorida - dentro do imenso mar da vida?

Depois da Grande Muralha da Galáxia, os cosmologistas tendem a afirmar que a matéria não se distribui de forma homogênea, linear, nem tampouco se afastam em ritmo previsível - mas se espalha, em bilhões de astros, interligados entre si com falhas de uma esponja gigante, onde várias muralhas poderiam se superpor umas às outras.

Os grandes telescópios espaciais, que já hoje circunavegam aos milhares, em satélites gigantes artificiais



- livres da perturbação e da poluição atmosféricas -, estão permitindo o avanço fulminante da ciência das ciências, da filosofia das filosofias: a cosmologia.

Até porque a compreensão do Universo só poderá avançar através da síntese de todas as formas de conhecimento.

Até mesmo o jornalista terá um grande papel nessa compreensão do desenvolvimento futuro, pois ele é um dos poucos capazes de reduzir à uma linguagem simples, palatável ao vulgo, acessível às multidões, a

complexidade dos códigos e signos interplanetários. Ele é menos prolixo que os economistas de Chicago.

No rápido avanço sobre os espaços exteriores alguns degraus terão que ser galgados. Em breve, plataformas espaciais tripuladas - e os russos estão avançadíssimos nisso, apesar de alguns acharem que o socialismo acabou e que o negócio agora é importar bugiganga - terão mais utilidades do que bases na Lua.

Além de armas de guerra, elas servirão de trampolins de relançamen-

to de novas expedições a outros planetas.

Os primeiros objetivos a serem atingidos - ainda no sistema solar - serão os satélites de Júpiter e Saturno, onde condições atmosféricas relativamente suaves permitirão o desembarque de instrumentos eletrônicos, robôs e humanos. Neste sentido a recente viagem do Voyager foi fundamental, como expedição exploratória.

Dentro de alguns anos grandes satélites de energia solar, construídos pela Boeing, Douglas, Mitsubis-

hi canalizarão para a Terra mais energia que toda a produzida até hoje por petróleo ou carvão. Como essas multinacionais não estão muito preocupadas com déficits e outros pacotes, terão primazia na pesquisa.

A partir do ano 2020 terá início o turismo espacial, com agências universais vendendo passagens até mesmo a governos subdesenvolvidos. No final do milênio, Titã e Ganimedes já deverão ter bases permanentes, de onde serão enviados para a Terra imagens tridimensionais de tevê. A Rede Globo deverá estar lá.

Com a revisão heterodoxa das teorias gravitacionais, o desenvolvimento da fotoeletrônica, da fotoquímica e da engenharia espacial, fábricas inteiras serão construídas no espaço, sem medo de recessão. Grandes satélites de energia solar permitirão a desativação de usinas terrestres nucleares e hidrelétricas, que se transformarão em museus.

No segundo século do terceiro milênio haverá controle químico do envelhecimento humano, com transplantes de cérebros, mapeamento do sistema nervoso e sua integração com computadores. A aprendizagem será imediata - nem ensino público, nem privado - e a comunicação será à base do ondas luminosas.

Consórcios espaciais privados disputarão a mineração e o refino de corpos celestes. Os planos e os governos terrestres irão ficando tão distantes como é hoje a "Polis" grega.

Possibilidades impossíveis se apresentarão. As verdades serão outras. O exterminado do futuro será admirado pelos empresários espaciais. Caçadores de andróides deixarão bestialógicos em economês e fiscalizarão as tabelas intergalácticas.